

Teatro e acessibilidade: reflexões sobre o projeto Cia da Gente na APAE de Ouro Preto, Minas Gerais

Emerson José da Silva^{1,*} Aisllan Diego de Assis²

¹Graduando de Licenciatura em Artes Cênicas. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35402-154, Ouro Preto/MG, Brasil

²Docente da Escola de Medicina. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35402-163, Ouro Preto/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: emerson.jose@aluno.ufop.edu.br

Submetido em: 07 nov. 2025. Aceito em: 29 jan. 2026

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão teórico-prática sobre o projeto CIA da Gente, uma iniciativa de extensão desenvolvida na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ouro Preto, Minas Gerais. O projeto propõe o teatro como ferramenta essencial de mediação pedagógica e de acessibilidade para pessoas com deficiência intelectual e múltipla, promovendo o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e do sentimento de pertencimento. A metodologia empregada nas oficinas semanais se baseia em exercícios de psicomotricidade, improvisação e jogos teatrais, transformando o corpo em território de criação, memória e resistência. Teoricamente, o trabalho estabelece um diálogo profundo entre a experiência prática e os referenciais de Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido) e Augusto Boal (Teatro do Oprimido), articulando conceitos-chave da educação inclusiva e libertadora. A análise demonstra que o processo teatral na APAE se configura como uma pedagogia do encontro e da escuta sensível, onde a diferença é reconhecida como origem de novas formas estéticas e de comunicação. Conclui-se que o teatro, ao construir a acessibilidade, transcende a mera expressão artística, afirmando-se como um instrumento potente de transformação social e subjetiva para toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Teatro, Pedagogia, Acessibilidade, APAE, Inclusão.

Abstract

Theatre and accessibility: reflections on the Cia da Gente project at APAE in Ouro Preto, Minas Gerais

This article presents a theoretical and practical reflection on the CIA da Gente project, an outreach initiative developed at the Association of Parents and Friends of Exceptional People (APAE) in Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil. The project proposes theater as an essential tool for pedagogical mediation and accessibility for people with intellectual and multiple disabilities, promoting the development of autonomy, self-esteem, and a sense of belonging. The methodology used in the weekly workshops is based on psychomotor exercises, improvisation, and theatrical games, transforming the body into a territory of creation, memory, and resistance. Theoretically, the work establishes a profound dialogue between practical experience and the frameworks of Paulo Freire (Pedagogy of the Oppressed) and Augusto Boal (Theatre of the Oppressed), articulating key concepts of inclusive and emancipatory education. The analysis demonstrates that the theatrical process at APAE is configured as a pedagogy of encounter and sensitive listening, where difference is recognized as the

origin of new aesthetic and communication forms. It is concluded that theater, by building symbolic accessibility, transcends mere artistic expression, establishing itself as a potent instrument for social and subjective transformation for the entire school community.

Keywords: Theatre, Pedagogy, Accessibility, APAE, Inclusion.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o papel do teatro como mecanismo pedagógico de acessibilidade e inclusão dentro da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ouro Preto, “Escola de Educação Especial Dr. Hélio Harmendani”. Fundada em 1982, a instituição tem como objetivo principal a integração e orientação no processo educacional de pessoas com deficiência intelectual e múltipla, atuando como um espaço de aprendizagem, convivência e cidadania.

As aulas de teatro acontecem uma vez por semana, abrangendo três turnos: manhã (8h às 9h30 – alfabetização), tarde (13h às 14h30 – sensibilização) e noite (16h30 às 18h – Educação de Jovens e Adultos – EJA). Em cada um desses grupos, as atividades teatrais se configuram como um campo de experimentação artística, expressão corporal e escuta sensível. O projeto de extensão CIA da Gente: arte, saúde e educação, tem como intuito fortalecer uma relação afetiva e expressiva entre o teatro e a instituição, despertando potenciais individuais e coletivos. As atividades propostas estimulam a psicomotricidade, atenção, concentração, desenvoltura espacial e possibilidades corporais, contribuindo para o

desenvolvimento da autonomia e da autoestima. Assim, o teatro assume um papel terapêutico e educativo, oferecendo aos estudantes um espaço seguro de criação e de pertencimento.

Atualmente, a equipe responsável pelas aulas de teatro na APAE integra estudantes de artes cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), dialogando com os professores e planejando processos criativos que resultam em apresentações públicas. No ano de 2025, o grupo trabalha no espetáculo “O Guardião do Folclore em Movimento”, que estabelece uma conexão entre a cultura e o folclore da cidade de Ouro Preto, integrando memórias locais e experiências corporais dos participantes.

Este texto busca, portanto, compreender como o teatro pode se configurar como uma pedagogia da acessibilidade¹, inspirada nos pressupostos freirianos e nas práticas de Augusto Boal, em diálogo com autores contemporâneos que pensam arte e educação como campos de emancipação.

Metodologia

A equipe de “Apaiano²” atua em três horários em três turmas diferentes, nas sextas feiras. No primeiro turno das 8h até às 9h30 atendemos a

¹ No âmbito das artes e das práticas corporais, a pedagogia da acessibilidade assume centralidade ao compreender o corpo como território de expressão, comunicação e produção de conhecimento. Ao deslocar a ideia de acessibilidade do campo da adaptação para o da criação pedagógica, essa abordagem amplia as possibilidades de participação e aprendizagem por meio de múltiplas linguagens — gestuais, vocais, imagéticas e sensíveis —, aproximando-se das pedagogias do teatro e da dramaterapia. Nesse sentido, o fazer teatral

torna-se um dispositivo acessível em si, na medida em que reconhece as singularidades dos corpos e das experiências, favorecendo processos de autoconhecimento, escuta e construção coletiva, em consonância com os princípios da educação inclusiva e da pedagogia crítica.

² Pessoa que ajuda, auxilia ou participa do movimento das APAEs, Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais, em instituições parceiras – públicas e privadas – para a promoção e defesa dos direitos de

turma da manhã, composta em média de sessenta discentes, a grande maioria é de adolescentes entre doze a dezesseis anos, mas é uma turma muito diversa contendo alunos já adultos com mais de vinte anos. A turma da tarde é atendida das 13h até as 14h30; nesse horário temos em média o total de quarenta discentes; generalizando, são dois grupos, o primeiro de crianças até dez anos de idade, e um segundo grupo de idades distintas, mas se associam por serem pessoas com Paralisia cerebral e grande dificuldade de locomoção e fala. A turma que é considerada de noite pela instituição, é a menor, são doze discentes, todos maiores de idade, nesta turma são alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), as aulas acontecem das 16h30 até às 18h. Em uma escala anual se totaliza uma média de 40 aulas de teatro para cada turno com a finalidade de uma única apresentação de fechamento de ano.

Todo(a)s discentes da escola apresentam alguma deficiência seja física³ ou intelectual⁴, entretanto, nós estagiários não temos acesso aos diagnósticos, portanto nunca sabemos exatamente qual a deficiência de cada aluno, assim sendo, muitos dos dados serão aproximações e generalizações. Visando que, mesmo não tendo o diagnóstico de especificidade de cada aluno(a), não é de nosso interesse, pois trabalhamos em conjunto com todos sem visar a deficiência de cada pessoa. É preciso lembrar que existem níveis de gravidade para cada deficiência, por exemplo os alunos com Paralisia Cerebral, em sua maioria são afetados na locomoção e fala, com exceções. Na turma da manhã discentes

apresentam em sua maioria deficiências intelectuais, tendo menos usuários de cadeira de roda do que a turma da tarde, que é composta por mais de 70% de pessoas usuárias de cadeiras de roda.

O Teatro como Pedagogia da Inclusão

A relação entre teatro e educação tem sido amplamente discutida nas últimas décadas, sobretudo a partir da compreensão de que a arte pode ocupar um papel central nos processos de formação humana. O teatro, enquanto prática estética e social, possibilita o exercício da escuta, da convivência e da imaginação, elementos fundamentais para uma educação que se propõe inclusiva.

De acordo com a reflexão apresentada em “Sujeitos, histórias e experiência” (Martins, 2021), pensar o sujeito em sua pluralidade implica reconhecer que o processo educativo deve acolher diferentes modos de estar no mundo, valorizando trajetórias e singularidades. Assim, o teatro, por meio de jogos, improvisações e práticas corporais, torna-se um espaço de reconhecimento das diferenças, um campo a onde o corpo não é apenas instrumento, mas também linguagem, como é demonstrado na Figura 1 na qual os discentes têm contato com o texto e acabam entendendo com auxílio de como isso pode reverberar no corpo.

cidadania da pessoa com deficiência e a sua inclusão social.

³ A deficiência física é a alteração parcial ou total de partes do corpo que compromete a função física da pessoa e o desempenho de funções. Podem ser consideradas deficiências físicas motoras todas as

condições que fazem a pessoa ter dificuldades ou que a impeçam de realizar algum movimento.

⁴ A deficiência intelectual é caracterizada por limitações nas habilidades mentais gerais. Essas habilidades estão ligadas à inteligência, atividades que envolvem raciocínio, resolução de problemas e planejamento, entre outras.



Figura 1. Estudantes da APAE participam das oficinas de produção teatral do projeto Cia da Gente.

Fonte: Acervo do projeto de extensão.

Na APAE, essa perspectiva ganha contornos concretos, pois os estudantes encontram no teatro uma forma de comunicação sensível, onde gestos, sons e movimentos ultrapassam os limites da palavra, como por exemplo: o discente que não se comunica de forma verbal, mas sim por gritos, passa a ter de maneira singular uma importância pela qual o grupo entende que a forma na qual ele se comunica se dá por gritos. Isso acabou tendo conhecimento só depois de práticas e jogos teatrais. O processo teatral favorece a expressão de emoções, desejos e memórias, contribuindo para a construção de uma subjetividade ativa e criadora.

Entre o oprimido e o expressivo: contribuições de Freire e Boal

A obra de Paulo Freire, especialmente “Pedagogia do Oprimido”, constitui uma das bases

conceituais mais férteis para pensar o teatro como ferramenta pedagógica de inclusão. Freire (1996) propõe uma educação dialógica, que parte da escuta do outro e da valorização de sua experiência, em oposição à “educação bancária”, na qual o educador deposita conhecimento no aluno. Essa pedagogia libertadora compreende o educando como sujeito ativo, capaz de transformar sua realidade por meio da conscientização crítica.

Na APAE, essa concepção freiriana se concretiza quando o professor ou bolsista se coloca como mediador do processo criativo, e não como detentor do saber. O teatro, nesse sentido, torna-se um espaço horizontal, onde educadores e educandos aprendem juntos a partir da prática. Na Figura 2 se torna evidente este espaço de compartilhamento de conhecimento onde os discentes em grupo se observam e criam movimentos para interação.



Figura 2. Processo de construção e ensaios do espetáculo teatral da APAE de Ouro Preto - MG

Fonte: Acervo do projeto de extensão.

De modo semelhante, Augusto Boal, em sua teoria do Teatro do Oprimido, inspirou-se em Freire para desenvolver um método teatral que transforma espectadores em “espect-atores”. Segundo Boal (1975), o teatro deve ser uma prática libertadora, capaz de devolver ao povo a possibilidade de representar e transformar suas

próprias histórias. As técnicas desenvolvidas por Augusto Boal, como “Teatro-Fórum”, “Teatro-Imagem” e “Arco-Íris do Desejo” são compreendidas como dispositivos pedagógicos que promovem a reflexão crítica e o protagonismo dos participantes (Boal, 2009).

Ao trabalhar com pessoas com deficiência, o método boaliano (prática teatral de Augusto Boal) se reinventa: o foco deixa de ser apenas a denúncia da opressão externa e passa a incluir a valorização da corporeidade, da imaginação e da escuta. Como discute o artigo “Entre a pedagogia do oprimido e o teatro do oprimido” (Rocco; Venâncio, 2021), ambas as propostas Freire e Boal, convergem na busca por um processo educativo que una ética, estética e política.

O projeto de extensão CIA da Gente na APAE de Ouro Preto: Corpo, Espaço e Presença

O projeto CIA da Gente surgiu como um espaço de experimentação artística e convivência dentro da APAE de Ouro Preto. Suas atividades teatrais acontecem semanalmente, abrangendo turmas de diferentes faixas etárias e níveis de aprendizagem. Cada grupo possui características singulares, mas todos compartilham o mesmo objetivo: desenvolver, por meio do teatro, a autonomia, a sensibilidade e o sentimento de pertencimento.

As oficinas envolvem exercícios de psicomotricidade, atenção, concentração e desenvoltura espacial. Tais práticas não têm apenas um caráter físico, mas também simbólico: o corpo torna-se território de criação, de memória e de resistência. Como observa Teixeira (2018), em sua pesquisa sobre processos corporais e dança inclusiva, “a arte cria condições para que o corpo deficiente seja também corpo potente, corpo que comunica, sente e inventa”.

O espetáculo “O Guardião do Folclore em Movimento” sintetiza esse percurso formativo e artístico. Inspirado na cultura e no folclore de Ouro Preto, o trabalho convida os participantes a reconhecerem e afirmarem suas identidades por meio da dança e da teatralidade. Trata-se de um espetáculo concebido a partir de textos e coreografias autorais das professoras, que reúne lendas e narrativas da cultura local já conhecidas tanto pelos discentes quanto pelas docentes, propondo, assim, releituras inéditas para cada história apresentada. As cenas são construídas a partir de gestos simples, repetições rítmicas e jogos simbólicos, possibilitando que cada estudante desenvolva uma forma singular de presença cênica. Esse processo é mediado pelas professoras, conforme exemplificado na Figura 3, culminando na construção de uma partitura corporal coreográfica.



Figura 3. Ensaio dos espetáculos na APAE de Ouro Preto - MG, auxiliado pelas professoras. Fonte: Acervo do projeto de extensão.

A montagem evidencia um dos princípios freirianos: o respeito ao tempo e ao ritmo de cada sujeito. Não se busca um “produto” estético convencional, mas um processo ético e coletivo de

criação, no qual todos podem ser vistos e ouvidos, mesmo estando dentro de um regime estudantil.

Corpo, espaço e presença: a psicomotricidade como linguagem teatral

A prática da psicomotricidade, mostrada na Figura 4, é um dos eixos centrais das aulas de teatro na APAE. Ela favorece o desenvolvimento da coordenação motora, da percepção espacial e da consciência corporal, mas, sobretudo, amplia o repertório expressivo dos estudantes. Como aponta o artigo “O teatro como prática pedagógica inclusiva” de Silva e Alencar (2022), “a experiência cênica mobiliza dimensões cognitivas, afetivas e sensoriais que atravessam o campo da aprendizagem”.

Durante as aulas, os exercícios de deslocamento, ritmo e equilíbrio são integrados a jogos teatrais. O espaço do pátio da escola se transforma em território simbólico, onde os corpos exploram distâncias, aproximações e pausas. A construção do gesto cênico surge do cotidiano, das ações simples, das relações entre os corpos e objetos. Essa abordagem encontra eco em Boal (2009), quando o autor afirma que “o corpo é o primeiro território de opressão e, ao mesmo tempo, o primeiro território de libertação”. A psicomotricidade, nesse contexto, não é apenas técnica, mas linguagem. Uma forma do sujeito narrar a si mesmo por meio do movimento. Essa dimensão se articula à pedagogia freiriana ao reconhecer o corpo como parte indissociável do processo de conscientização.

Afeto, escuta e pertencimento

Um dos aspectos mais marcantes da experiência teatral na APAE é a relação afetiva entre os participantes, bolsistas e professores. O afeto, aqui, não é mero sentimento, mas

fundamento pedagógico. Ele se constrói a partir da convivência e da escuta, da criação de um espaço de confiança e liberdade.



Figura 4. Uso da psicomotricidade nas oficinas de produção teatral na APAE de Ouro Preto - MG
Fonte: Acervo do projeto de extensão.

Como observa o artigo “Sujeitos, histórias e experiência” (Martins, 2021), a aprendizagem ocorre quando o sujeito se sente representado e respeitado no ambiente educativo. Essa ideia se confirma nas aulas da CIA da Gente: os estudantes reconhecem o teatro como um espaço onde podem existir plenamente, sem julgamentos, explorando suas próprias formas de expressão.

O afeto manifesta-se nas pequenas conquistas do processo educativo: em um gesto novo, em uma fala improvisada, em um olhar que se abre ao encontro com o outro. Trata-se de uma pedagogia do cuidado e da presença, na qual o educador aprende com o educando e, juntos, constroem significados compartilhados. Essa perspectiva rompe com uma dinâmica historicamente perpetuada, segundo a qual apenas o professor é considerado detentor do saber. Conforme exemplificado na Figura 5, o ritmo é criado pelos discentes e acompanhado coletivamente, evidenciando uma prática pedagógica pautada na escuta, na participação e na horizontalidade das relações.



Figura 5. As relações de convivência e afeto na APAE de Ouro Preto, durante as oficinas de produção teatral.

Fonte: Acervo do projeto de extensão.

O sentimento de pertencimento é outro eixo essencial. Muitos dos estudantes da APAE já vivenciaram experiências de exclusão, seja em contextos escolares ou sociais. O espaço da cena se torna, portanto, um território de representação e reconhecimento. Quando um estudante entra em

cena, ele é visto, ouvido e valorizado, não pela deficiência, mas por sua potência expressiva.

Essa mudança de olhar, transforma toda a comunidade escolar. O teatro, nesse sentido, não é apenas uma prática artística, mas uma forma de reorganizar as relações humanas. Como lembra Teixeira (2018), “o pertencimento nasce do encontro entre corpos que se permitem existir em relação”. A experiência teatral é, portanto, uma pedagogia do encontro onde o corpo, o tempo e o espaço são compartilhados como matéria viva do aprendizado.

Reflexões sobre arte e acessibilidade

Falar de acessibilidade⁵ e inclusão⁶ não é apenas garantir o acesso físico ou institucional, mas promover condições reais de participação e de escuta. No teatro, a acessibilidade acontece quando cada corpo é convidado a criar dentro de suas próprias possibilidades. A diferença, nesse contexto, não é vista como limite, mas como origem de novas formas estéticas e pedagógicas.

O artigo “Arte, corpo e diferença” (Barros; Coutinho, 2021) ressalta que a inclusão não se dá pela adaptação à norma, mas pela ampliação do próprio conceito de corpo e de presença. O teatro, nesse sentido, torna-se um espaço de resistência às lógicas capacitistas que marginalizam sujeitos com deficiência.

O projeto CIA da Gente demonstra, na prática, que a arte é uma via potente de transformação social e subjetiva. Ao criar um espaço de liberdade, o teatro possibilita que os estudantes da APAE se reconheçam como sujeitos de ação, capazes de construir e partilhar

⁵ Segundo o Dossiê do Itaú (2025) acessibilidade é o conjunto de práticas, recursos e adaptações que asseguram a todas as pessoas, principalmente as com deficiência e com mobilidade reduzida, o acesso e uso de espaços, serviços, produtos e informações de forma autônoma, segura e digna.

⁶ Seguindo a pesquisa e o levantamento do Dossiê do Itaú (2025) a inclusão é um princípio ético, político e pedagógico que afirma o direito de todas as pessoas participarem plenamente da vida social, cultural e educativa, com reconhecimento de suas diferenças, sem que precisem se adaptar a padrões excludentes.

sentidos. A cena torna-se um espelho que reflete não apenas o que se é, mas o que se pode vir a ser.

Como afirmam os textos “Entre a Pedagogia do Oprimido” e o “Teatro do Oprimido” (Revista Contemporâneos, 2020), o teatro pode ser entendido como “um espaço de tradução de experiências humanas, no qual a estética se confunde com a ética”. Isso significa que criar arte é também um ato político e ético de reconhecer o outro.

No contexto educacional, especialmente na educação com pessoas com deficiência, o teatro cumpre um papel essencial: o de construir possibilidades de partituras corporais. A cada aula, os corpos se afirmam presentes e potentes; a cada improvisação, surgem novas formas de comunicação.

Ser coordenador do grupo teatral dentro da APAE de Ouro Preto é, portanto, um exercício constante de escuta e criação. As cenas que emergem desses encontros carregam a força de uma comunidade que resiste pela arte, pela presença e pela partilha. Como aponta Boal (1975), “o teatro é uma arma, e o povo deve empunhá-la”. Na APAE, essa arma é o gesto, o olhar, o toque, o sorriso. São esses pequenos atos que constroem o sentido de humanidade que a arte é capaz de despertar. Assim, o CIA da Gente reafirma o teatro como território de inclusão e liberdade, onde a pedagogia e a arte caminham lado a lado na invenção de mundos possíveis.

Considerações Finais

O presente artigo buscou compreender como o teatro se configura como uma pedagogia da acessibilidade, inspirada nos pressupostos de Paulo Freire e nas práticas de Augusto Boal, em diálogo com autores contemporâneos que pensam arte e educação como campos de emancipação. A

análise da experiência do projeto de extensão CIA da Gente: arte, saúde e educação, na APAE de Ouro Preto demonstrou que o teatro é um vetor potente para atingir esse objetivo, extrapolando as dimensões física e institucional da inclusão e promovendo condições reais de participação e de escuta.

A experiência cênica, pautada na psicomotricidade, no afeto e na escuta, cumpre o papel essencial de construir a acessibilidade. Nesse contexto, a diferença não é percebida como limite, mas como a origem de novas formas estéticas e pedagógicas, fazendo com que o teatro se estabeleça como um espaço de resistência às lógicas capacitistas que marginalizam sujeitos com deficiência.

O teatro, ao criar um espaço de liberdade, possibilita que os estudantes da APAE se reconheçam como sujeitos de ação, capazes de construir e partilhar sentidos. A construção das cenas torna-se um espelho que reflete não apenas o que se é, mas o que se pode vir a ser, aproximando-se do pensamento freiriano sobre a libertação pela tomada de consciência de si e do outro. Esta prática encontra ressonância em Boal, que via no teatro uma “rehearsal of revolution” (ensaio de transformação social). Com isso, essa “arma” boaliana se manifesta no gesto, no olhar, no toque e no sorriso, que constroem o sentido de humanidade que a arte é capaz de despertar. Com exercício constante de escuta e criação, inerente à coordenação do grupo teatral, faz emergir uma pedagogia que se reinventa a cada jogo, riso e gesto. Essa pedagogia viva e sensível transforma o teatro em um espaço de tradução de experiências humanas.

Em suma, o CIA da Gente demonstra, na prática, que o teatro não é apenas uma oficina, mas uma forma de vida, um território de inclusão e liberdade, onde a pedagogia e a arte caminham

lado a lado na invenção de mundos possíveis. As cenas que emergem desses encontros carregam a força de uma comunidade que resiste pela arte, pela presença e pela partilha.

TEIXEIRA, A. C. B. **Corpo, performance e inclusão**. São Paulo: Cortez, 2018.

Agradecimentos

Agradecemos a APAE de Ouro Preto, seus estudantes, professores e equipe pela parceria e acolhimento para realização das oficinas de produção teatral.

Agradecemos a UFOP e a Fundação Gorceix que por meio do projeto de extensão Cia da Gente: arte, saúde e educação financiam, apoiam e formam os estudantes e oficinas de produção teatral da APAE de Ouro Preto - MG.

Referências

BARROS, R. de; COUTINHO, E. T. O corpo em jogo na rua. **Ephemer Journal**, v. 4, n. 8, p. 151-165, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/4968/3865>. Acesso em: 02 nov. 2025.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ITAU CULTURAL. **Dossiê Acessibilidade**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/noticias/itau-cultural-lanca-dossie-sobre-acessibilidade>. Acesso em: 25 de nov. 2025.

MARTINS, C. G. **Sujeitos e suas histórias: uma experiência pibidiana sobre autobiografia e teatro pós-dramático na escola**. 2021. 30 f. Monografia (Graduação) – Curso de em Licenciatura em Artes Cênicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto. 2021. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/3504>. Acesso em: 09 out. 2025.

ROCCO, M.; VENÂNCIO, G. S. de A. Entre a pedagogia do oprimido e o teatro do oprimido: metodologias artístico-pedagógicas em tempos de incertezas. **Contemporâneos**, n. 21, 2021. Disponível em: <https://revistacontemporaneos.com.br/entre-a-pedagogia-do-oprimido-e-o-teatro-do-oprimido/>. Acesso em: 10 out. 2025.